

Turismo Literário de Campo de Batalha: Representações de Waterloo na Rede Intertextual de Diários de Viagem de Dorothy, Mary (1820) e Dora Wordsworth (1828)

Rogério Miguel Puga
rogerio_puga@hotmail.com
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas –
CETAPS/ NOVA
Lisboa, Portugal
ORCID iD [0000-0002-6198-6032](https://orcid.org/0000-0002-6198-6032)

Artigo recebido em 2024-02-15
Artigo aceite em 2024-04-08
Artigo publicado em 2024-10-19

Como citar e licença

Puga, R. M. (2024). Turismo Literário de Campo de Batalha: Representações de Waterloo na Rede Intertextual de Diários de Viagem de Dorothy, Mary (1820) e Dora Wordsworth (1828). *LIT&TOUR – International Journal of Literature and Tourism Research (IJLTR)*, (3), 17-28. <https://publicacoes.ciac.pt/index.php/lit-tour/article/view/245>

This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License.

Resumo

O presente artigo analisa as representações do campo de batalha de Waterloo por Dorothy, Mary e Dora Wordsworth em 1820 e 1828 enquanto turismo literário de guerra, bem como a forma como essa rede intertextual de textos de viagem permitiu às autoras inscreverem-se na tradição literária da glorificação britânica após a derrota de Napoleão através de temas como o turismo de massas e o consumo de relíquias.

Palavras-chave

Família Wordsworth · Diários · Waterloo · Turismo literário de guerra

Abstract

This article analyzes the representations of the Waterloo battlefield by Dorothy, Mary and Dora Wordsworth in 1820 and 1828 as literary war tourism, as well as the way in which this intertextual network of travel texts allowed the female authors to inscribe themselves in the literary tradition of British glorification after Napoleon's defeat through themes such as mass tourism and the consumption of relics.

Keywords

Wordsworth family · Diaries · Waterloo · Literary war tourism

1. Introdução

A vitória britânica na Batalha de Waterloo (1815) permite à elite social britânica voltar a viajar pelo continente europeu em segurança, nomeadamente para visitar o campo em que se deu a referida batalha. Visitar Waterloo para celebrar e comentar o episódio tornou-se uma tendência entre intelectuais e artistas britânicos que aderiam em massa ao turismo histórico e de guerra que por sua vez, se tornaria também literário. Por outro lado, a escrita de viagens, considerada um género ‘menor’ e cada vez mais massificado desde o final do século XVIII (Bell, 2020: 125), possibilita a autoras abordar temas até então considerados sobretudo masculinos, como a guerra, a história e a arqueologia, conquistando gradualmente as mulheres britânicas voz e autoridade públicas em vários debates científicos e sociais. Logo após a referida batalha, autores como Robert Southey (RS), autor de *A Poet’s Pilgrimage to Waterloo* (1816a), obra que Dora cita e refere (2021: 88, 95), Lord Byron (*Childe Harold’s Pilgrimage*), Walter Scott (*Paul’s Letters to his Kinsfolk*, 1816), colecionadores como John Soane e pintores como J. M. W. Turner visitam o campo e representam-no.

Os Wordsworth fizeram também *battlefield tourism*, ou turismo de campo de batalha, fenómeno que em Waterloo começa logo em 1815. García-Madurga & Grilló-Méndez (2023: 307) recordam que esse tipo de turismo histórico, didáctico (e até nacionalista) sempre foi popular e defendem que surgiu no início do século XX, o que não é correcto, como o comprovam as inúmeras visitas a Waterloo e o mercado de relíquias de que nos ocuparemos. Se as guerras contra França influenciaram a poesia inglesa, inclusive no pós-Waterloo (Bainbridge, 2003), a batalha e o campo em que foi travada são incorporados na memória-consciência histórica nacional e representados nas culturas literária, visual e material britânicas, e as diaristas Dorothy (DWQ, 1771-1855), Mary (MW, 1770-1859), e Dora (1804-1847) Wordsworth, irmã, mulher e filha de William Wordsworth (WW, 1770-1850), respectivamente, participam nesse processo, anos após o poeta e amigos celebrarem, a 21 de Agosto de 1815, a vitória de

Wellington (Bainbridge, 1995: 53).¹ Como veremos, as autoras referem que os sucessivos visitantes britânicos foram adquirindo e colecionando artefactos (alguns dos quais macabros) que testemunhavam a carnificina de ambos os lados da guerra, como balas e dentes (utilizados inclusive para fazer próteses) retirados de cadáveres e do campo da batalha, a par de muitos outros objectos, existindo, portanto, uma dimensão memorialística material (tangível) do conflito, a par das produções literárias de que nos ocupamos e que revelam o crescente culto popular do passado na Grã-Bretanha (GB) do século XIX.

O presente estudo analisa a representação do campo de guerra de Waterloo nos diários de viagem de Dora (1828),² da sua mãe, MW (que circulou, através de quatro transcrições, por amigos e familiares), e da sua tia DW, ambos redigidos, em 1820, durante o Continental Tour da família, que invocou o tour que WW fizera em 1790. Já o próprio WW publicaria a antologia poética *Memorials of a Tour on the Continent 1820* (1822). Anos mais tarde, Dora visita os Países Baixos, a Bélgica e a Alemanha, na companhia do seu pai e de Samuel Taylor Coleridge (Harding 2001). Como veremos, a elaborada rede de textos femininos e familiares textualiza experiências de turismo simultaneamente literário e de guerra e contribui para a patrimonialização do campo de batalha de Waterloo através do ponto de vista de viajantes de classe média inglesa que criticam o fenómeno do turismo massificado a que eles próprios dão origem durante esse exercício de viagem que depende de guias turísticos e intérpretes no estrangeiro, como se de um *guilty pleasure* se tratasse.

2. As viagens europeias e a rede intertextual de escrita feminina da família Wordsworth

Oito anos antes de Dora visitar Waterloo, MW, DW e WW viajaram, entre 10 de Julho e 7 de Novembro de 1820,³ na companhia do primo de Mary, Thomas

¹ WW publica o poema “After Visiting the Field of Waterloo”.

² Em 1841, Dora casaria com Edward Quillinan (1791-1851), poeta inglês nascido no Porto, passando a chamar-se Dora Wordsworth Quillinan.

³ Sobre os diários de MW e DW dessa viagem, veja-se Boden (1998: 329-352).

Monkhouse, da sua mulher, Jane Horrocks, da irmã desta última e da sua empregada. O grupo visita a Bélgica, a Alemanha, a França e a Itália, juntando-se-lhes o amigo Henry Crabb Robinson (HCR) na Suíça. Essa viagem deu origem a vários textos diarísticos e poéticos, tendo MW dedicado o seu diário a Dora, pelo que nos deteremos na escrita diarística feminina de MW e DW sobre essa viagem e no diálogo intertextual que esses textos estabelecem com o diário da jovem, o “Journal of a Tour of the Continent 1828”, publicado apenas em 2021 e que (d)escreve as mesmas paisagens textualizadas anteriormente pela mãe e tia que eram as destinatárias desse manuscrito. Dora refere quer as memórias de MW ao descrever costumes holandeses (2021: 153), quer o diário da tia ao visitar, no jardim de um hotel de Ghent, “the Duck & rat mentioned in Aunt’s Journal – but they and their pool are gone” (2021: 89). Em Antuérpia, a jovem informa ainda a mãe que a recorda, mais uma vez, através das paisagens, tratando-se de uma viagem familiar colectiva que a filha do poeta faz nas pegadas da mãe e da tia, na companhia do pai que recordaria, decerto, amiúde, a viagem de 1820: “Father desired me to look back [...] & there Mother I saw the Cathedral at the end of the Vista as you did – & can well imagine your delight” (2021: 164). Dora, inscreve, assim a narrativa das suas mãe e tia na sua ao actualizar as experiências e histórias femininas da família em viagem.

Os textos de DW e Dora foram já publicados, existindo quatro cópias encadernadas do diário manuscrito de MW (Dove Cottage Manuscripts 92-95) que se destinariam aos filhos do casal. O diário de MW é dirigido a Dora, como revela o prefácio (20-02-1821) que remete a destinatária para o diário mais elaborado da tia DW, por comparação às “hasty notes, made by snatches, during our Journey” por MW (1820: 1-2). Por seu turno, o diário que a jovem redige aos 24 anos é quase telegráfico, as descrições dos continentais são curtas, talvez porque os destinatários principais, a mãe e a tia, já conheciam essas paisagens. Se a escrita de viagens é uma tarefa comum na família, WW é caracterizado como um escritor romântico “addicted to travel, to movement of and within the self ‘compulsive traveller’” (Jarvis, 2001: 321 e 2017: 25), gosto que poderá ter transmitido à filha. Os diários de MW, DW e Dora inserem-nas na “non-professional female scribal community that flourished below the public radar within the Wordsworth circle” (Jarvis, 2017:

26) e que gravitava em torno do poeta (Page, 2001: 65). Como sabemos, o chamado *Wordsworth Circle* inclui, entre outros, membros como: RS, Samuel Taylor Coleridge (STC) e a sua filha Sara, De Quincey, DW, que nunca chegou a publicar qualquer texto, e Newlyn (2013: 242-264) e Hammack (2018: 91-110) inserem MW nesse círculo literário enquanto *travel writer*, com base na análise de obras como o seu já referido elíptico e humorístico diário de 1820, marcado por descrições panorâmicas, como as que Dora utilizará no seu diário, retirando esses estudos MW da periferia do círculo de WW, que utilizou os diários da mulher e da irmã para redigir *Memorials of a Tour on the Continent*.

As três mulheres escritoras fazem parte do grupo a que Ezell (1996: 20, 163) chama “female family of [non-professional] authorship”, que, na sua maioria, não esperavam publicar os diários, mas que sabiam que as demais mulheres da família as iriam ler, ou seja, esses textos unem as mulheres e homens de Rydal Mount, e se MW e DW nunca publicam os seus textos, apesar de DW o ter planeado fazer, Dora quebra, em 1847, essa tradição, pois a publicação do *Journal of a Few Months Residence in Portugal and Glimpses of the South of Spain* pouco antes da sua morte torna-a um membro feminino publicado desse círculo literário, tal como Sara Coleridge ainda antes dela, sendo ambas filhas de famosos poetas. Como recorda Page (67) sobre o primeiro exercício literário de viagem de Dora, “[i]nfluenced by both her mother and her aunt, Dora Wordsworth developed a mode of observation that is more aesthetic, emotional, and personal than it is anthropological. Dora was more interested in connecting to people and places, responding emotionally, than she was in describing cultural differences”.

Se, neste primeiro diário e intertexto familiar, Dora cita e refere os seus pais, tia e vários autores ingleses, como Shakespeare, Goldsmith, Swift, Southey e Shelley (85-88, 92-93, 153, 156-166), no seu diário sobre Portugal cita autores ingleses e, tendo estado doente no início da sua estada na Foz e no Porto, em 1845, ficciona viagens pelo Minho e pelo Gerês que a correspondência familiar revela que não poderia ter feito. Como sabemos, a diarística e a escrita de viagens devem ser lidas com algum cuidado, pois nunca são, nem têm que ser, um reflexo exacto da realidade, revelando a nossa investigação recente sobre o *Journal of a Few Months Residence*

in *Portugal* que Dora ‘plagia’ a descrição do Gerês a partir de curtas crónicas de viagem que o seu cunhado Henry Lawson Quillinan (1812-?) publicara na revista literária inglesa mensal *The Lusitanian*,⁴ publicada no Porto, entre Outubro de 1844 e Julho de 1845, por William Henry Giles Kingston, William Richard Harris e por outro cunhado da autora, John Thomas (João Tomás) Quillinan (1796-1863).

A escrita de viagens é também um *locus* de partilha, dedicatórias e de emoções, pois as autoras dirigem-se às demais mulheres da família e partilham experiências que se tornam, assim, comuns e contribuem para formação do turismo literário europeu em torno de Waterloo e de outras paisagens românticas. Durante a viagem de 1820, MW aprecia a natureza

⁴ Dora (1847 I: 71-73) plagiou excertos de curtas crónicas de viagem intituladas “Scenes and Sketches in Portugal”, *The Lusitanian*, n. 1: 21-28; n. 2: 65-76; especialmente n. 6: 265-271) da autoria do seu cunhado Henry Lawson Quillinan, que assinou esses contributos como C. O *Journal* de Dora ecoa ainda “Impressions of Travel in the Minho” (n. 6, 302-336), assinadas por K.T. L., provavelmente Alexander Grant, o botânico amador que fundou uma escola masculina, no Porto, em 1842. De facto, K. T. L. parece informar o leitor da futura publicação do *Journal* e resumir o seu conteúdo (*The Lusitanian*, 303). No seu segundo *Journal* (1847 I: 152), na secção dedicada a Portugal, a diarista refere uma partida que alguém pregara ao editor português da *Revista Literária*, no vol. 8 (1842) ao enviar-lhe três artigos com descrições anónimas do Gerês, que acabam por ser publicados, mas que a autora conclui serem textos plagiados da obra de Argote (1728-1747), reforçando o autor dessa brincadeira o efeito do real ao indicar que os textos eram: “put forth as the “copy of an anonymous, original manuscript supposed to have been written, about a century ago, and preserved in the Royal Archives of the Torre do Tombo at Lisbon, numbered 41”, concluindo a arguta e informada turista inglesa que, afinal, já os lera antes. Dora revela, assim, os seus conhecimentos de *antiquarian* e denuncia esse embuste português baseado no estratégico recurso ao tema do manuscrito encontrado “I therefore doubt whether any such MS. be among the Torre do Tombo papers. At all events, any impudent hoax, I suppose, have been played upon the editor of the Oporto ‘Literary Review’” (I: 152). No entanto, esse plágio torna-se uma senha para o autor informado que descobre que a autora também apresenta, como seu, um curto texto do seu cunhado sobre o Gerês. Estamos, portanto, perante um sarcástico exercício de denúncia de plágio no interior de um exercício de plágio familiar que Dora faz, pois nunca visitara o Gerês, espaço cuja descrição interrompe para referir o embuste literário. Este estratégico *mise-en-abyme* poderá ser um original aviso e piscar de olho ao futuro leitor que descubra que a filha de Wordsworth nunca percorreu o Gerês e que usa uma descrição de Henry Lawson, que, tal como EQ e John Thomas Quillinan, publica vários textos em *The Lusitanian*.

e as aldeias continentais e dirige-se directamente à filha Dora, então em Inglaterra, ao subir às ruínas de um castelo numa encosta alemã, ilustrando como a relação mãe-filha se prolonga, ao longo dos tempos, nos textos produzidos por ambas. A mãe pede à jovem que use a sua imaginação para (se) visualizar (“Suppose”; MW, 1820: 28) na imensa paisagem alpina (Hammack, 2018: 95, 100), e a ritualizada humildade que era comumente exibida por autoras nos seus textos aproxima os diários de ambas, pois se no final do seu diário Dora, que deseja integrar o grupo de mulheres escritoras do seu lar, apresenta humildemente a sua escrita como “rough notes” (2021: 166), também a sua mãe o fizera em 1820, ao apresentar o seu *journal* como “hasty notes, made by snatches, during our Journey” e “imperfect notices” (1820: 1, 26, 95) que redigira para futura leitura dos filhos.

Amigos como HCR aconselharam DW a publicar o diário da viagem de 1820, o que nunca aconteceu em vida da autora, mas a irmã do poeta lê os seus *journals* aos sobrinhos e afirma que o seu objectivo era deixar a Dora um testemunho da expedição (Jarvis, 2001: 326-327). Podemos concluir que a escrita de viagens faz parte da história e dos interesses familiares dos Wordsworth e assume-se como um legado. Por outro lado, os textos de MW e sobretudo de WW e de DW funcionaram como modelos para a jovem em 1828, como a própria confessa às destinatárias do seu *Journal*, “Mother & my Aunt have described this never to be forgotten City [...] it would be folly in me to say another word”; 2021: 82), referindo ainda a tia Sarah Hutchinson (115) e o irmão Willy (96). Dora conclui também que a paisagem do campo belga é semelhante às que vira em gravuras e lera no diário da mãe (2021: 81), recordando as conversas que escutara sobre a viagem de 1820 (“the view glorious... But you Mother & Aunt know it well”; 2021: 96). Surge, assim, uma interessante rede de intertextos de turismo literário que descreve duas expedições no âmbito do turismo de guerra, estando Dora consciente de que faz aquilo a que Leavenworth (2010: 1) chama uma *second journey*,⁵

⁵ Leavenworth (2010: 1) define a *second journey* como “a contemporary journey made in the footsteps of an earlier traveller. The original travelogue, the first journey, functions as a map which guides second travellers not only to their geographical destinations, but also to a sense of authenticity. [...] [T]he second journey transforms places which are already figuratively and literally mapped into new landscapes”.

nas pegadas das mãe e tia e sobre a qual redigia um manuscrito (comunitário) que seria lido por vários membros da família. Vários estudos recentes ocupam-se do fenómeno da autoria familiar romântica, nomeadamente dos círculos Wollstonecraft-Godwin-Shelley e Wordsworth-Coleridge (Krawczyk, 2009; Carlson, 2007), abordando Healey (2012) essas relações literárias familiares e a falta de agência feminina a partir da ideia de ‘ansiedade da influência’ (Bloom 1973) patriarcal que advoga que cada autor trava uma batalha edípica com os seus antecessores literários.

Ao estudar o turismo literário de guerra e literário sobre Waterloo, Shaw (1995, 2002) analisa de que forma autores como Scott, Byron e Wordsworth inscreveram o campo de batalha no imaginário romântico, tendo mais recentemente Kennedy (2009; 2013) analisado como a escrita de viagens masculina e feminina aproximou e fundiu os universos militar e civil na narrativa da identidade nacional britânica. A partir de final do século XVIII, as mulheres puderam também, sobretudo através da escrita de viagens, participar nesse processo, em público e em privado. Já Semmel (2000: 9-37), Gijbels (2015: 228-257), Reynolds (2022: 44-73) e Pollard (2023: 5-38) analisam a relação entre a paisagem histórica e bélica, a percepção e o consumo do turista britânico e o simbolismo e a função nacionalista das relíquias⁶ fetichizadas e adquiridas em Waterloo, o que deu origem à pilhagem de inúmeros cadáveres, restos mortais e túmulos e à venda desses objectos, como os textos de que nos ocupamos referem.

3. O fenómeno do turismo inglês do campo de guerra de Waterloo

O culto de relíquias de mortos na GB vitoriana (Lutz 2015) associa-se à cultura de guerra e imperial, sendo fomentado pela elite política e intelectual quer em celebrações e monumentos domésticos, quer no império, como alegoria do poder da metrópole, ou em viagem, naquilo a que podemos chamar turismo de (campo de) guerra e que dará lugar ao turismo literário, como veremos relativamente aos diários

das três viajantes que, à semelhança de inúmeros britânicos, logo após a vitória de 1815, visitaram Waterloo e escreveram sobre esse espaço histórico que glorificava a GB como potência mundial, celebrava a heroicidade nacional e funcionava, através de monumentos, relíquias e lápides, como elemento da cultura da nobre dor nacional(ista).

Se a memória social surge da intersecção das recordações públicas e privadas, as autoras que referimos consomem e descrevem o património da Europa continental e Waterloo num século em que os artefactos, acontecimentos e monumentos comemorativos passam a ser patrimonializados e consumidos na GB de forma mais comum e pública (Grenier & Mushal, 2020). Poemas, peças de teatro e romances ficcionam e celebram acontecimentos históricos e transformam-nos em *spectacular past* (Samuels, 2004), enquanto autores como WW eram elevados a celebridades e ícones nacionais (Leerssen & Rigney, 2014), ou seja, a esfera pública estava saturada de um “multimedia cult of national self-articulation and self-celebration” (Leerssen, 2006: 203). O turismo de guerra acumula-se através da escrita de viagens de inúmeros escritores famosos e torna-se literário, fenómeno que é reforçado por memórias e biografias de soldados e agentes bélicos românticos e vitorianos, a par também da cada vez mais frequente escrita feminina, como é o caso dos diários de que nos ocupamos.

A segunda edição do *Traveller's Complete Guide through Belgium and Holland* (1815), de Campbell, publicada em 1817, já continha uma secção dedicada a Waterloo, como acontece com o relato *Brussels and its Environs* (1816), de Romberg, o que não seria de admirar, pois autores como Southey (1816a: 86), amigo dos Wordsworth, visitam o campo logo em Outubro de 1815 e referem os guias locais que concorrem entre si para acompanhar os muitos grupos de ingleses. Outros viajantes (Simpson, 1817: 64), tal como Dora faria em 1828, descrevem o assédio dos vendedores de relíquias “offering for sale, with great importunity, relics of the field; particularly Eagles which the French soldiers wore as cap plates”. As três diaristas Wordsworth geram uma rede palimpséstica e intertextual que funciona como uma macro-narrativa sobre o campo de batalha, que, tal como os demais textos sobre esse espaço, tomam posse simbólica, literária e cultural do local histórico estrangeiro e inserem-no na mitografia da GB vitoriana (Reynolds, 2022).

⁶ Os próprios viajantes utilizam o termo relíquia para membros e objectos de soldados ingleses (Stanley, 1907, 261).

As relíquias francesas seriam consideradas ‘troféus’ por muitos ingleses (Pollard, 2023: 30).

Uma das primeiras descrições a ser publicadas, em Agosto de 1815, em Londres, *The Battle of Waterloo*, é feminina, da autoria de Charlotte Waldie (Eaton), que é reeditada sete vezes nesse ano. O turismo do campo de batalha de Waterloo começa um dia após a batalha quando civis partem de Bruxelas para visitar o ainda caótico espaço do conflito (Mercer, 1870 I: 345-346). A proximidade geográfica de Waterloo da GB facilitaria o turismo histórico das classes média e alta britânicas rumo ao campo ao longo do século XIX (François, 2012: 71-92; François, 2013: 25-41). Era quase uma obrigatoriedade visitar Waterloo ao viajar pelo continente, gerando a não visita espanto (Thorold, 1835: 271-273), ou seja, esse simultaneamente traumático e glorioso (*uncanny*) espaço de memória tornou-se uma moda e parte da identidade britânica, como Thackeray (1879: 336) refere.

Saindo de Bruxelas, os turistas, atravessam, de carruagem, a floresta de Soignes antes de chegar à aldeia de Waterloo, cerca de 3 km antes do campo da batalha, na Bélgica rural que se desenvolve devido ao turismo de guerra, pois a aldeia torna-se um espaço de memória britânico e internacional e rentabiliza a sua fonte de rendimentos ao manter inscrições, espaços e práticas históricas associados à batalha (Reynolds, 2022: 48-49), nomeadamente o restaurante da pousada em que Wellington redigira o famoso despacho após o confronto (Allen, 1833 II: 182). Na localidade, turistas como os Wordsworth visitam a altaneira igreja que avistam de longe e cujo interior (como acontece noutras aldeias; Wordsworth 2021: 93) funciona como antologia de memorialização dos heróis nacionais que faleceram no campo através das placas com os seus nomes referidas por todos os visitantes (Pennington, II 1825: 581-582; Thackeray, 1879: 334). Da igreja, os turistas seguiam para o campo, que permaneceu marcado durante anos pela destruição. É esse cenário geográfico e histórico que as Wordsworth visitam, e no qual viajantes como Allen (1833: 80) ainda encontram crânios e recordam a fertilidade intensificada por cadáveres ingleses e franceses. Não admira, portanto, que Dora aluda a essa mesma fertilidade dos campos ao afirmar que aí colheira flores.

As inúmeras descrições anteriores estariam na mente das viajantes que se auto-inscrevem na tradição literária, cultural e historiográfica do turismo do campo de batalha de Waterloo. A imagem de violência dá lugar, com o tempo, a uma paisagem rural belga,

como refere Wilson (1826: 533-535) ao comentar o contraste dos campos de sangue posteriormente marcados por agricultores, “silent tranquility [...] covered with crops”. Do campo da batalha, os visitantes seguiriam para o Château d’Hougoumont, cujas paredes exibiam marcas da batalha (Allen, 1833 II: 187-188) que foram mantidas num estado ruinoso que agrada à estética romântica. Os turistas encontrariam assinaturas nas paredes da capela de Lord Byron, RS e WW (Sala, 1867 I: 22), grafitos que se tornam relíquias literárias desse turismo de guerra, que passa a ser também *performance tourism* na Bélgica, país que os britânicos consideravam uma *little Britain* (Reynolds: 64, 45). Por exemplo, DW, triste, comenta o processo de recuperação da paisagem arquitectónica no pós-batalha e o apagar das ‘feridas’ nas paredes locais: “The ruins of the severely contested chateau of Hougoumont had been ridded away since the battle, and the injuries done to the farm-house repaired. Even these circumstances, natural and trivial as they were, suggested melancholy thoughts” (Dorothy Wordsworth: 29).

Em 1839, entre quatro a cinco mil britânicos pernoitavam anualmente na estalagem de Mont St. Jean, de acordo com um guia de viagens redigido por um ex-soldado (Addison, 1839: 1). O turismo de guerra rumo a Waterloo é um fenómeno popular referido na ficção inglesa coeva, nomeadamente no romance *Guards, Hussars, and Infantry* (An Officer, 1838 III: 311). A batalha e o seu significado tornam-se parte da (performance da) identidade britânica e concorrem para o fortalecimento da retórica da hegemonia britânica, da expansão colonial e do envolvimento na política do continente europeu (Colley, 2009: 1-9; Reynolds: 76, 148), havendo, claro, também vozes dissonantes e críticas sobre essa guerra (Sellers Jr, 2019). A sociedade civil, os agentes culturais e os poderes militar e político britânicos celebraram através de festividades, iniciativas (por exemplo, o famoso Waterloo Banquet na casa de Wellington, 1822-1852), publicações e da imprensa (Keirstead & Demoor, 2015: 447-452), a batalha ao longo do século XIX, estimulando o referido turismo de guerra e transformando a batalha e o campo em fenómenos culturais nacionais e nacionalistas (Reynolds: 74-116).⁷

⁷ Sobre a representação da guerra na cultura popular britânica oitocentista, veja-se Paris (2000).

A referência de Dora a Quatre Bras e a outras localidades para além de Waterloo recorda o leitor que a batalha não tem apenas um simples referente geográfico, mas vários (espaços tácticos) que são visitados pela família. Também Southey (1816b: 215) referira essa ausência de um espaço único: “Our guide was very much displeased at the name which the battle had obtained in England. Why call it the battle of Waterloo? he said, [...] call it Mont St. Jean, [...] any thing but Waterloo”. Relativamente a essa instabilidade/centralidade geográfica, Shaw (2002: 95) recorda que a escolha e insistência de Wellington nos seus despachos relativamente ao topónimo Waterloo para a batalha representa a campanha para diminuir o papel de outros militares posicionados noutras zonas, nomeadamente a coligação de forças de Blücher, colocando o holofote da glória no seu comando: “Were the victory to be renamed Belle Alliance it would cease to be the sole property of Wellington and the British establishment; an internationalist history would be the result” (Shaw, 2002: 95). O comum percurso entre Waterloo, Mont St. Jean, Lion Mound, La Haye Sainte, La Belle Alliance, Hougomont, e, no caso dos Wordsworth, Quatre Bras, mais a sul, foi percorrido por inúmeros turistas e tornou-se uma “classic and familiar route” (François, 2012: 87) que celebra a ‘cultura (patriótica) de vitória’ que se acentuou com as guerras napoleónicas (Sellers Jr: 114), combatidas longe de casa, na Europa continental, no caso, num espaço agrícola que passa a constar de mapas e guias internacionais e a ser amplamente visitado, mudando as homenagens a soldados a sua morfologia, por exemplo, o Monte do Leão, terminado em 1826. Quando Dora e WW visitam o campo da batalha já o monumental Lion Mound, erguido em honra do Prince of Orange, tinha sido inaugurado e se tornara uma das atrações do complexo turístico e militar.

4. Turismo de guerra no feminino: as visitas das Wordsworth

WW visita o campo em 1820, na companhia da mulher e da irmã DW que também recorda os mortos: “We stood upon grass, and cornfields where *heaps* of our countrymen lay buried beneath our feet. There was little to be seen; but much to be felt; – sorrow and sadness, and even something like horror breathed out

of the ground as we stood upon it!” (Dorothy Wordsworth: 29), palavras que dialogam intertextualmente com o já referido poema de WW. A autora descreve a conversa entre o guia e WW, bem como a chegada ao campo de batalha:

I could understand little till we got to the field of battle, where we stood upon an elevation; and thence, looking round upon every memorable spot, by help of gesture and action, and the sounds ‘les Anglois, les Francois,’ etc. etc., I gathered up a small portion of the story, helped out by a few monuments erected to the memory of the slain; but all round, there was no other visible record of slaughter: the wide fields were covered with luxuriant crops, just as they had been before the battles, except that now the corn was nearly ripe, and then it was green. (Dorothy Wordsworth: 29)

A tristeza de DW, veiculada através da repetição do termo “melancholy” (29), é sentida também por MW, que, tal como Dora faria, refere quer a igreja de Waterloo e as placas que homenageiam os soldados britânicos e holandeses, quer as marcas (que ainda existem nas casas da zona) da violência generalizada entre britânicos e franceses:

Namur Tuesday 18th.

the intervention of Waterloo & its interests, which were so melancholy that I do not like to touch upon them – [...] Waterloo, – its pretty Chapel, the walls within covered with monuments recording the fall of many of our brave Countrymen, – & some few others as brave. – La Haye Sainte – La Belle Alliance. – Quatre Bras. – Dined at Genappe – [...] – two Bullet shots in the wainscot of the room, – which during the battle had been heaped with dead, & dying. – one Genl., we were told, died on the floor of the Passage. (MW, [1820] s.d.: 6)

Dora não se ocupa do campo da batalha como um espaço privilegiado para contemplação nacionalista e artística onde o sacrifício estetizado dos soldados reforça a glória britânica. Logo em 1816, Jeffrey (1816: 293) referira na *Edinburgh Review* os inúmeros poemas sobre o campo e criticara a falta de qualidade de textos de autores que pensaram obter assim “a secure passport to immortality”. Também Conder (1816: 3) caracterizara os poemas sobre episódios históricos

como “wholly artificial [...] adulation, unmeaning boasts, empty predictions, and commonplace sentiment?”, e talvez Dora quisesse evitar cair nesse erro. Se MW e DW referem sobretudo a igreja de Waterloo e as placas em honra dos soldados britânicos, ocupando-se da paisagem religiosa, a jovem também se detém nesses monumentos e sobretudo na dimensão comercial e consumista do espaço histórico e de como, 13 anos após a batalha, ainda se vendem “reliquias” em Waterloo, um dos elementos principais da cultura material do pós-batalha. Em 1815, esse campo rural a sul de Bruxelas torna-se rapidamente um destino de ‘romarias’ britânicas, onde os visitantes acumulam memórias visuais, literárias e artefactos colecionáveis, fenómeno que seria satirizado logo na altura (Barrett, 1816: 18-19), mas cuja materialidade talvez atenuasse a distância geográfica entre a GB e o campo de guerra.

Em 1828, o condutor da carruagem local que leva Dora, WW e STC ao campo de Waterloo funciona como testemunha da batalha travada a 18 de Junho de 1815 e guia turístico, fundindo-se o tempo (auto) biográfico com o tempo histórico ao longo do micro-episódio cronotópico: “At every turn we made the Conducteur had some dreadful to tell me of scenes to which he himself had been an eye witness Went into the church at Waterloo where there are several Monuments to our brave Country men” (2021: 92). A então recente glória da GB encontra-se impregnada na paisagem belga, como Dora recorda; daí que muitos turistas adquirissem recordações alusivas à batalha, como o próprio WW, num espaço em que balas se tornam relíquias da glória nacional e do heroico esforço humano: “Men and boys hanging about the door offering for sale bullets, Eagles & other relics found on the field” (2021: 92). Também, em 1820, DW referira que “children and poor people of all ages stood on the watch to conduct us to the church” (28) e vendiam relíquias à chegada. Se a jovem menciona as águias como relíquias, Hills (1816: 81) descrevera os locais a retirar esses objectos de cadáveres na terra, encontrando-se as árvores a sul de Hougoumont repletas de balas que são vendidas (“profitable harvest”, 316). Também Scott (2015: 145), que adquire relíquias, e Eaton (1817: 316) descrevem essa ocupação-indústria local. Barrow (1831: 254) irá descrever os inúmeros vendedores de recordações, bolos, vinho e gin e guias turísticos, à semelhança do que Dora faz, talvez ecoando os

guias e as obras que já lera. Todos esses elementos materializam a batalha e a sua memória colectiva e tornam-se marcas das romarias britânicas, inclusive as textualizadas por inúmeros autores logo a partir de 1815, que espelham a cultura militar e de guerra romântica (Ramsey, 2011), bem como a cultura material oitocentista associada a Waterloo. Como recorda Reynolds (10), Waterloo tornou-se destino de expedições influenciadas por obras literárias, guias e turistas que queriam ser vistos a visitar o campo, participando as três Wordsworth naquilo a que Confino (1997) chama *politics of memory*.

Quando Dora e o pai se enganam e não visitam o principal destino, ecoam outros viajantes que referem que a batalha não teve lugar em Waterloo, mas num campo a duas milhas, na aldeia de Mont St Jean, topónimo que os franceses usaram na altura para nomear esse confronto (Macnish, 1849, vol. 2: 451). Se as Wordsworth apenas referem rapidamente as placas na igreja de Waterloo, em Julho de 1834, Robert Macnish (451) descreveria esse templo monumentalizado, descrição que complementa as referências femininas mais telegráficas. Tal como Dora, Macnish (452) refere que a dona da bota de um soldado morto (Marquês de Anglesey) faz dinheiro com o turismo de guerra nacionalista (452), enquanto a figura do guia que acompanha os turistas da aldeia ao campo e ao monte históricos (“Waterloo Mound”) surge na maioria das narrativas de viagem (Macnish 451-542), bem como, a partir de 1826, o leão que Dora afirma que o pai visitou e que Macnish descreve (452-453), antes de referir, como muitos outros textos britânicos, as relíquias (456) e a fertilidade do macabro campo devido aos mortos ingleses (455-456). As relíquias funcionavam como uma âncora tangível para o passado cada vez mais intangível, sendo uma forma de vivenciar a história através de objectos materiais duradouros, nem que apenas na mente do turista (Semmel, 2000: 9-37; Auslander & Zahra, 2018), pois algumas relíquias eram falsas.⁸ Dora, MW e DW elogiam o magnânimo sacrifício dos milhares de soldados

⁸ Ann Thorold, 1835: 279-280, refere a procura de botões falsos produzidos numa fábrica em Liège, e Barnum, 1855: 248, menciona uma fábrica em Birmingham que produz relíquias falsas vendidas em Waterloo; vejamos ainda Thackeray, 1879: 336, Bell, 1849: 405-410 e Ashton, 1873: 15.

britânicos, e, como conclui Semmel (2000: 20): “[n]ature memorialized history; the landscape spoke of human action [...] And yet nature at the same time erased the marks of history”, palavras que Southey (1976: 146) ecoa emotivamente, logo em 1815, após comprar relíquias da batalha. Já *Paul’s Letters to his Kinsfolk*, de Walter Scott (1816), descreve o processo de fetichização das relíquias (como tijolos e portas de edifícios de quintas, mas) sobretudo através dos frutos de árvores belgas que são levados para Inglaterra e as sementes plantadas por (turistas) ingleses, “which might remind tem and their posterity of this remarkable spot”. Essa *post-war atmosphere* (Lee, 2004: 74-104) presente em grande parte do “romantic tourism”, em que a sociedade comercial moderna também marca presença (Dekker, 2005: 88), está também presente nos diários de que nos ocupámos e que remetem para a glorificação e para o consumo do passado e do presente nacionais.

As placas com nomes de soldados ingleses na igreja de Waterloo que as três Wordsworth referem ilustram o fenómeno a que Laqueur (2015, 413-488) chama *necronominalism*, que atingiria o seu apogeu nas duas guerras mundiais através das inscrições de nomes em monumentos que comemoram heróis mortos. Em 1830, também Boddington (1834: 29) descreveria essas placas que honram os soldados na igreja: “[t]heir honoured names [...] written for ever, on a great page of history”, e o edifício religioso antecede, mais uma vez, a visita ao campo da batalha, durante a qual as omnipresentes figuras do guia e dos maçadores vendedores de ‘relíquias’ são referidos. Também Humphrey (1838: 338) conclui ser impossível livrar-se dos guias e vendedores cuja “eagerness” Elwood (1830 I: 183) menciona. Quando WW oferece a um deles uma ninharia por relíquias impingidas e Dora brinca no diário (Wordsworth 2021: 92) com esse feito do pai, talvez ambos denunciasses essa prática já bem conhecida, pois também Scott (2015: 138) informara que os locais extorquiam a curiosidade histórica e nacionalista dos ingleses “in their pilgrimages to this classic spot”. Dora (2021: 92) menciona as águias “and other relics found on the field”, enquanto DW descreve ainda o interior do templo e recupera histórias do seu guia que, por sua vez, já guiara RS e Walter Scott, autores que ela refere e ecoa. O guia-intérprete é apresentado por DW como uma vítima histórica de Napoleão integrado agora no ecossistema da aldeia e apoiado pelos ingleses:

Waterloo. – Waterloo is a mean village; straggling on each side of the broad highway, children and poor people of all ages stood on the watch to conduct us to the church. Within the circle of its interior are found several mural monuments of our brave soldiers – long lists of naked names inscribed on marble slabs – not less moving than laboured epitaphs displaying the sorrow of surviving friends.... Here we took up the very man who was Southey’s guide (Lacoste), whose name will make a figure in history. He bowed to us with French ceremony and liveliness, seeming proud withal to show himself as a sharer in the terrors of that time when Buonaparte’s confusion and overthrow released him from unwilling service. He had been tied upon a horse as Buonaparte’s guide through the country previous to the battle, and was compelled to stay by his side till the moment of flight. (Dorothy Wordsworth 1995: 28-29)

Em Agosto de 1815, Scott (2015: 139) referira a sua conversa, em Belle Alliance, como essa mesma figura histórica, o agricultor da Flandres e dono de um cabaret nas imediações da floresta de Soigner, Jean-Baptiste Dacoster (1760-1826), conhecido como Jean/John Lacoste, que o romancista contrata como guia e que ficara conhecido por ter sido forçado a guiar Napoleão e a informá-lo das posições dos inimigos, função que desempenhou a cavalo e de mãos atadas.⁹ Scott (139) descreve quer os diferentes grupos de turistas ingleses na localidade, como também Dora fará, quer o seu contacto com o famoso guia que entrevista, recorrendo assim à história local e oral, sem que as suas expectativas romantizadas se concretizem. A jovem já não apresenta essa ingenuidade, e a diferença intergeracional faz-se sentir quando Dora não demonstra grande entusiasmo ou choque emotivo durante a visita, ao contrário da tia e da mãe. Inúmeros guias locais já falavam inglês (Thorold: 272), e, tal como Dora, outras viajantes inglesas transcrevem frases e diálogos em francês com os “atormentadores” guias locais, como, por exemplo, Boddington (1830, 29 – 30). Por esse motivo, os primeiros guias de viagem publicados na GB aconselhavam, desde a década de 30 do século XIX, os viajantes a escolher logo um guia turístico francês e estabelecer previamente o preço a pagar pelos

⁹ Sobre o guia de Napoleão à força e posteriormente de turistas britânicos, veja-se Dubuisson (2019).

serviços para evitar extorsões (Murray, 1836: 148). Aliás, a imagem que, por exemplo, Murray (148) apresenta da experiência da chegada a Waterloo é de uma verdadeira negativa, ecoando o texto de DW.

Lord Byron, simpatizante de Napoleão, não cantou os sobreviventes, mas sim os mortos no canto III de *Childe Harold's Pilgrimage* e não refere Wellington, mas sim o duque de Brunswick e o seu primo Frederik Howard (III, xxiii, 9), que faleceram na batalha. Em Quatre Bras, também Dora refere Brunswick, que, claro, fora elogiado no relatório de quatro páginas sobre a batalha assinado por Wellington num quarto da pensão de Waterloo, a 19 de Junho de 1815. Ao não mencionar Wellington, mas a morte de Brunswick, talvez a autora enfatize outros agentes históricos e líderes bélicos que Wellington acaba por ofuscar como o ‘grande’ vencedor, como WW faz no seu poema “Benjamin the Waggoner”, ao enfatizar o papel de todo o exército que lutou ao lado do Nelson na Batalha do Nilo e não apenas o do famoso herói (Sellers Jr: 25). A jovem parece ecoar as palavras de Byron ao afirmar que o campo deveria voltar ao que era (Childe, III, l. 150), sem colunas ou bustos colossais; daí que o *Journal* não descreva ou comente sequer esse local turístico assaz conhecido, mas outros espaços da acção. WW visitava o local histórico pela segunda vez e centra a sua atenção na nova estátua do leão inaugurada em 1826 e que não existia em 1820, enquanto Dora (92) já não repete os lugares-comuns da hiperbolicamente triunfalista escrita britânica sobre a batalha, mas sugere-os ao recorrer ao poema *Adonais*, de Percy B. Shelley (publicado em Itália em 1821), que cita para convocar intertextualmente a imagem da natureza que se alimenta dos cadáveres britânicos.

A caminho desse destino bélico, a jovem detém-se humoristicamente na interacção entre o seu pai e STC, que parecem “macacos” (92) sentados na diligência, e nas relações humanas entre turistas ingleses e vendedores franceses de relíquias da batalha que apenas satisfazem a procura britânica desses bens colecionáveis (92).

5. Conclusão

Tal como os demais textos sobre a batalha, os de DW, MW e Dora ilustram de que forma Waterloo funciona como uma narrativa performativa, ideológica e mítica em torno da glória e da identidade nacional

britânicas, associando-se, durante a ‘romaria’ à Bélgica, “reliquias”, como a jovem lhes chama, à glória nacional num processo gradual e intenso de mitificação do episódio bélico em que os cadáveres e sangue britânicos fertilizaram os campos franceses, onde agricultores e outros residentes vendem artefactos recolhidos no campo, como a filha do poeta descreve através de um humorístico e poliglota episódio que envolve o seu pai avaroso a discutir o preço de relíquias com franceses (92).

Os três diários dialogam entre si e partilham as mesmas paisagens que se tornam familiares para as três mulheres através de uma elaborada rede intertextual e feminina de textos que, no caso dos de MW e DW, alimentaram a produção poética de WW, como repositórios de informação e de inspiração. A ideia do solitário génio romântico dá assim lugar à de uma autoria partilhada e colectiva de textos sobretudo femininos, alguns dos quais permaneceram mais de um século inéditos. O advento da arqueologia como ciência na primeira metade do século XIX e os projectos e a discussão sobre protecção do património histórico influenciam a produção literária e o olhar arqueológico de Dora, que é influenciado pela poesia do seu pai, ou seja, pela “Romantic historical-mindedness” (Bann, 1984: 2) que acentuou a transformação do património monumental e folclórico também num espectáculo e *locus* de performances identitárias, históricas e nacionalistas. A jovem, tal como a tia e a mãe, alia o pitoresco a descrições e a comentários pessoais e transcreve a natureza após a batalha como uma experiência estética e emocional, acrescentando-lhe, no entanto, um episódio humorístico. Como recorda Said (1993: 1), “appeals to the past are amongst the commonest of strategies in the interpretation of the present”, e essa reflexão sobre o património e sobre o passado recente da GB materializado na paisagem belga reflecte também as discussões historiográficas e a construção da vitoriosa identidade britânica face ao então inimigo francês. As expedições dos Wordsworth em 1820 e 1828 e os textos produzidos durante, após e a propósito dessas expedições ilustram a autoria colectiva e colaborativa no seio da família e não tanto o solitário génio criativo que se associou muito tempo ao Romantismo. Essa rede intertextual de textos femininos sobre o episódio final da guerra contra Napoleão, em Waterloo, jun-

ta-se a um número elevado de textos literários sobre o campo da batalha que alimentam o turismo de guerra e tornam esse mesmo espaço e o turismo a ele associado performativos e literários, intimamente ligados à glória e identidade nacionais britânicas.

Referências bibliográficas

Bibliografia primária

- [1] Wordsworth, Dora (2021). *Canals, Castles and Catholics: Dora Wordsworth's Continental Journal of 1828*. Ed. Cecilia Powell. Grasmere: The Wordsworth Trust.
- [2] Wordsworth, Dorothy (1995). *The Continental Journals*. Ed. Helen Boden. Bristol: Thoemmes Press.
- [3] Wordsworth, Mary [1820] (s.d.). *Mary Wordsworth's Travel Journal (DCMS 92) 11 July to 23 December 1820*. Ed. Edward Fenton. Day Books: Diaries. Disponível em: http://day-books.com/assets/daybooks_wordsworth_diary.pdf. Acesso: 12-10-2023.

Bibliografia secundária

Relatos de viagem e fontes coevas

- [4] Addison, Henry R. (1839). *A Rough Sketch of the Field of Waterloo*. Bruxelas: Hauman & Co.
- [5] Allen, Zachariah (1883). *Sketches of the State of the Useful Arts and of Society*. Boston: Carter, Hendee & Co.
- [6] An Officer (1838). *Guards Hussars and Infantry, Adventures of Harry Austin*. Londres: Saunders and Otley.
- [7] Barnum, Phineas Taylor (1855). *Life of P. T. Barnum*. Londres: Sampson Low, Son, & Co.
- [8] Barrett, Eaton (1816). *The Talents Run Mad; or, Eighteen Hundred and Sixteen: A Satirical Poem*. Londres: Henry Colburn.
- [9] Barrow, John (1831). *A Family Tour through South Holland*. Londres, John Murray.
- [10] Bell, Robert (1849). *Wayside Pictures Through France, Belgium, and Holland*. Londres: Richard Bentley.
- [11] Boddington, Mary (1834). *Slight Reminiscences of the Rhine*. Vol. 1. Londres, Longman.
- [12] Eaton, C. Waldie (1817). *Narrative of a Residence in Belgium*. Londres: John Murray.
- [13] Elwood, Anne Katherine (1830). *Narrative of a Journey Overland from England*. Londres: Henry Colburn and Richard Bentley.
- [14] Hills, Robert (1816). *Sketches in Flanders and Holland*. Londres: J. Haines and J. Turner.
- [15] Humphrey, Heman (1838). *Great Britain, France, and Belgium*. Nova Iorque: Harper & Brothers.
- [16] *The Lusitanian* (1844-1845). Vols. 1, 2 e 6
- [17] Macnish, Robert (1849). *Tales, Essays, and Sketches*. Vol. 2. Londres: Henry G. Bohn.

- [18] Mercer, Alexander (1870). *Journal of the Waterloo Campaign*. Londres: William Blackwood.
- [19] Murray, John (1836). *A Hand-Book for Travellers on the Continent*. Londres: John Murray.
- [20] Pennington, Thomas (1825). *A Journey into Various Parts of Europe*. Londres: George B. Whittaker.
- [21] Quillinan, Dora Wordsworth (1847) *Journal of a Few Months Residence in Portugal with Glimpses of the South of Spain*. Londres: Edward Moxon.
- [22] Sala, George (1867). *Waterloo to the Peninsula*. Londres: Tinsley Brothers.
- [23] Scott, Walter (2015). *Scott on Waterloo*. Londres: Vintage Books.
- [24] Simpson, J. (1817). *Paris After Waterloo*. Edimburgo: William Blackwood.
- [25] Southey, Robert (1976). *The Letters of Robert Southey to John May: 1797-1838*, ed. Charles Ramos, Austin: Jenkins.
- [26] Southey, R. (1816a). *Journal of a Tour in the Netherlands in the Autumn of 1815*. Boston: Houghton Mifflin.
- [27] Southey, Robert (1816b). *The Poet's Pilgrimage to Waterloo*. Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown.
- [28] Stanley, Edward (1907). *Before and After Waterloo*. Nova Iorque: D. Appleton & Co.
- [29] Thackeray, William Makepeace (1879). *Little Travels and Roadside Sketches*. Londres: Smith, Elder.
- [30] Thorold, Anne (1835). *Letters from Brussels, in the Summer of 1835*. Londres: Longman.
- [31] Wilson, William (1826). *Travels in Norway*. Londres: Longman.

Estudos

- [32] Auslander, Leora & Tara Zahra (Eds.) (2018). *Objects of War: The Material Culture of Conflict & Displacement*. Ithaca: Cornell University Press.
- [33] Bainbridge, Simon (1995). *Napoleon and English Romanticism*. Cambridge: Cambridge University Press.
- [34] Bainbridge, Simon (2003). *British Poetry and the Revolutionary and Napoleonic Wars: Visions of Conflict*. Oxford, Oxford University Press.
- [35] Bann, Stephen (1984). *The Clothing of Clio*. Cambridge: Cambridge University Press.
- [36] Bell, Brill (2020). The Market for Travel Writing. In Barbara Schaff (Ed.), *Handbook of British Travel Writing* (pp. 125-141). Berlim: De Gruyter.
- [37] Bloom, Harold (1973). *The Anxiety of Influence: A Theory of Poetry*. Nova Iorque: Oxford University Press.
- [38] Carlson, Julie A. (2007). *England's First Family of Writers*. Baltimore: The John Hopkins University Press.
- [39] Colley, Linda (2009). *Britons: Forging the Nation 1707-1837*. New Haven: Yale University Press.
- [40] Conder, Josiah (1816). Art. 1. *The Poet's Pilgrimage to Waterloo*, by Robert Southey. 2. *Thanksgiving Ode*, by William Wordsworth. *Eclectic Review*, 6, 1-17.

- [41] Confino, Alon (1997). Collective Memory and Cultural History: Problems of Method. *American Historical Review*, 102(5), 1386-1403.
- [42] Dekker, G. (2005). *The Fictions of Romantic Tourism. Radcliffe, Scott and Mary Shelley*. Stanford: Stanford University Press.
- [43] Dubuisson, Jean-Christophe (2019). *Decoster – Le Dernier Guide de Napoléon*. Paris, Jourdan Editions.
- [44] Ezell, Margaret J. M. (1996). *Writing Women's Literary History*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.
- [45] François, Pieter (2012). If it's 1815, This Must be Belgium: The Origins of the Modern Travel Guide. *Book History*, 15, 71-92.
- [46] François, Pieter (2013). The Best Way to See Waterloo is with your Eyes Shut' British 'Histourism' Authenticity and Commercialism in the Mid-Nineteenth Century. *Anthropological Journal of European Cultures*, 22(1), 25-41.
- [47] García-Madurga Miguel-Ángel & Ana Julia Grilló-Méndez (2023). Battlefield Tourism: Exploring the Successful Marriage of History and Unforgettable Experiences: A Systematic Review. *Tourism and Hospitality*, 4(2), 307-320.
- [48] Gijbels, J. (2015). Tangible Memories: Waterloo Relics in the Nineteenth Century Amsterdam Rijksmuseum. *The Rijksmuseum Bulliten*, 63(3), 228-257.
- [49] Grenier, Katherine Haldane & Amanda R. Mushal (Eds.) (2020). *Cultures of Memory in the Nineteenth Century: Consuming Commemoration*. Cham: Palgrave Macmillan.
- [50] Hammack, E. R. (2018). 'Imperfect Notices': The 1820 Continental Journal of Mary Wordsworth. *Tulsa Studies in Women's Literature*, 37(1), 91-110.
- [51] Harding, Anthony John (2001). Wordsworth, Coleridge, Dora, and the Meuse-Rhine Tour of 1828. *The Wordsworth Circle*, 32(3), 161-168.
- [52] Healey, N. (2012). *Dorothy Wordsworth and Hartley Coleridge: The Poetics of Relationship*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan.
- [53] Jarvis, Robin (2001). The Wages of Travel: Wordsworth and the Memorial Tour of 1820. *Studies in Romanticism*, 40(3), 321-43.
- [54] Jarvis, Robin (2017). Delinquent Travellers: Coleridge, Wordsworth, and the Rhine Tour of 1828. *The Coleridge Bulletin*, 49, 25-34.
- [55] Jeffrey, Francis (1816). Lord Byron's Poetry. *The Edinburgh Review*, 27(54), 277-310.
- [56] Keirstead, Christopher M. & Marysa Demoor, Introduction: Waterloo and Its Afterlife in the Nineteenth-Century Periodical and Newspaper Press. *Victorian Periodicals Review*, 48(4), 447-452.
- [57] Kennedy, C. (2009). From the Ballroom to the Battlefield: British Women and Waterloo. In A. Forrest, K. Hagemann, & J. Rendall (Eds.). *Soldiers, Citizens and Civilians: Experiences and Perceptions of the Revolutionary and Napoleonic Wars, 1790-1820* (pp. 137-156). Londres: Palgrave MacMillan.
- [58] Krawczyk, Scott (2009). *Romantic Literary Families*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan.
- [59] Laqueur, Thomas (2015). *The Work of the Dead: A Cultural History of Mortal Remains*. Princeton: Princeton University Press.
- [60] Leavenworth, Maria Lindgren (2009). *The Second Journey: Travelling in Literary Footsteps*. Umeå: Universidade de Umeå.
- [61] Lee, Yoon Sun (2004). *Nationalism and Irony: Burke, Scott, Carlyle*. Oxford: Oxford University Press.
- [62] Leerssen, Joep (2006). *National Thought in Europe: A Cultural History*. Amesterdão: Amsterdam University Press.
- [63] Leerssen, Joep & Ann Rigney (Eds.) (2014). *Commemorating Writers in Nineteenth-Century Europe: Nation-Building and Centenary Fever*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan.
- [64] Lutz, Deborah (2015). *Relics of Death in Victorian Literature and Culture*. Cambridge: Cambridge University Press.
- [65] Newlyn, Lucy (2013). *William and Dorothy Wordsworth: 'All in Each Other'*. Oxford: Oxford University Press.
- [66] Paris, Michael (2000). *Warrior Nation: Images of War in British Popular Culture, 1850-2000*. Londres: Reaktion Books.
- [67] Pollard, Tony (2023). "I have been Eighteen times since that awful day": The Ker Papers, Relic Collecting, and the Origins of Battlefield Tourism at Waterloo. *Journal of Conflict Archaeology*, 18(1), 5-38.
- [68] Page, Judith W. (2001). *Wordsworth and the Cultivation of Women*. Berkeley: University of California Press.
- [69] Ramsey, Neil (2011). *The Military Memoir and Romantic Literary Culture, 1780-1835*. Farnham: Ashgate.
- [70] Reynolds, Luke (2022). *Who Owned Waterloo?: Battle, Memory, and Myth in British History, 1815-1852*. Oxford, Oxford University Press.
- [71] Said, Edward (1993). *Culture and Imperialism*. Nova Iorque: Vintage Books Edition.
- [72] Samuels, Maurice (2004). *The Spectacular Past: Popular History and the Novel in Nineteenth-Century France*. Ithaca: Cornell University Press.
- [73] Sellers Jr, Edward J. (2019). *Consequential Ground: Memorials of the Revolutionary and Napoleonic Wars in Romantic Culture 1793-1877* (Tese de doutoramento não publicada). Urbana-Champaign: University of Illinois.
- [74] Semmel, Stuart (2000). Reading the Tangible Past: British Tourism, Collecting, and Memory after Waterloo. *Representations*, 69, 9-37.
- [75] Shaw, Philip (1995). Commemorating Waterloo: Wordsworth, Southey, and 'The Muses Page of State'. *Romanticism*, 1(1), 50-67.
- [76] Shaw, Philip (2002). *Waterloo and the Romantic Imagination*. Basingstoke: Palgrave-MacMillan.